



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

PASTORALIDADE CÚMPlice OU PROFÉTICA? MULHERES, ABUSO SEXUAL E PODER PATRIARCAL EM COMUNIDADES EVANGÉLICAS BRASILEIRAS

*PASTORAL CARE COMPLICIT OR PROPHETIC? WOMEN, SEXUAL ABUSE, AND
PATRIARCHAL POWER IN BRAZILIAN EVANGELICAL COMMUNITIES*

Janaína Brito de Assis Freitas¹

Resumo: Este trabalho é fundamentado em pesquisa que investiga a legitimação religiosa do abuso sexual em discursos pastorais, propondo uma análise crítica das concepções sociológicas de gênero e dos exercícios de poder que permeiam a pastoralidade em igrejas evangélicas brasileiras. O objetivo é analisar como tais discursos contribuem para a perpetuação da violência sexual e propor alternativas teológico-pastorais que promovam justiça para meninas e mulheres. A pesquisa, de abordagem qualitativa, baseia-se na análise das trajetórias e memórias de mulheres evangélicas que vivenciaram abuso sexual na juventude por parte de pastores. Evidencia-se como o teologismo patriarcal, entendido como a teologização da desigualdade de gênero e da submissão feminina, contribui para o silenciamento das mulheres sobreviventes e para a perpetuação da violência, tornando a instituição cumplice de um ciclo contínuo de sofrimento. O estudo demonstra a urgência de uma pastoralidade crítica e informada, capaz de desconstruir discursos que endossam o controle sobre o corpo e a subjetividade feminina. Aborda-se a naturalização da agressão sexual pela autoridade do autor da violência e a instrumentalização da religião para justificar os abusos. A análise, que se alinha aos eixos Terra, Pão e Paz — ao discutir a exploração dos corpos (Terra), as relações de poder desiguais (Pão) e a necessidade de desmantelar estruturas de violência para alcançar a plenitude da vida (Paz) —, convoca à reflexão sobre

¹ Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, com bolsa de fomento da CAPES, onde também concluiu o mestrado e a graduação em Teologia. Atua na linha de pesquisa "Religião e Dinâmicas Socioculturais", com ênfase em Teologia Pastoral e Social. Dedica-se ao estudo das violências contra meninas e mulheres em contextos religiosos, articulando espiritualidade, gênero, hermenêutica feminista e decolonialidade. É autora dos conceitos "Teologismo Patriarcal", que nomeia estruturas teológicas de dominação, e "Teologia Feminista da Recusa", que se constrói como uma epistemologia do testemunho e expressa as respostas espirituais e éticas protagonizadas por mulheres. Sua reflexão afirma as mulheres como sujeitos teológicos e propõe uma espiritualidade crítica, emancipatória e encarnada, capaz de ressignificar o sagrado a partir das experiências de fé vividas por mulheres evangélicas e protestantes. É integrante do grupo de estudos de Gênero e Religião Mandrágora e membro da Rede Brasileira de Teólogas. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2824-0466>. E-mail: janainaassisfreitas@gmail.com

182

26 A 29 DE AGOSTO DE 2025

Local: Faculdades EST
São Leopoldo/RS – Brasil



Realização:



Apoio:





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

os fundamentos de uma prática pastoral que promova a justiça de gênero e o verdadeiro Evangelho da Paz. Conclui-se que o enfrentamento do teologismo patriarcal e o desenvolvimento de uma Teologia Feminista da Recusa constituem caminhos essenciais para a construção de espaços eclesiais seguros e inclusivos, onde a voz das mulheres violentadas seja ouvida e a dignidade humana esteja no centro da prática pastoral.

Palavras-chave: Pastoralidade. Mulheres. Abuso sexual. Teologismo patriarcal. Teologia feminista da recusa.

Abstract: This work is based on research investigating the religious legitimization of sexual abuse in pastoral discourses, proposing a critical analysis of sociological conceptions of gender and the exercises of power that permeate pastoral work in Brazilian evangelical churches. The objective is to analyze how such discourses contribute to the perpetuation of sexual violence and to propose theological-pastoral alternatives that promote justice for girls and women. The research, using a qualitative approach, is based on the analysis of the trajectories and memories of evangelical women who experienced sexual abuse in their youth at the hands of pastors. It highlights how patriarchal theogomism, understood as the theologization of gender inequality and female subjugation, contributes to the silencing of surviving women and to the perpetuation of violence, making the institution complicit in a continuous cycle of suffering. The study demonstrates the urgency of a critical and informed pastoral approach, capable of deconstructing discourses that endorse control over the female body and subjectivity. This text addresses the normalization of sexual aggression by the authority of the perpetrator and the instrumentalization of religion to justify abuse. The analysis, aligned with the themes of Earth, Bread, and Peace—discussing the exploitation of bodies (Earth), unequal power relations (Bread), and the need to dismantle structures of violence to achieve the fullness of life (Peace)—calls for reflection on the foundations of a pastoral practice that promotes gender justice and the true Gospel of Peace. It concludes that confronting patriarchal theogomism and developing a Feminist Theology of Refusal are essential paths to building safe and inclusive ecclesial spaces where the voices of abused women are heard and human dignity is at the center of pastoral practice.

Keywords: Pastoral care. Women. Sexual abuse. Patriarchal theogomism. Feminist theology of refusal.

INTRODUÇÃO

A violência sexual contra mulheres em contextos religiosos é um problema persistente e pouco enfrentado de modo crítico pelas próprias instituições de fé. No cenário brasileiro, comunidades evangélicas, que exercem papel central na vida espiritual e social de milhões de pessoas, tornaram-se também espaços de legitimação religiosa do abuso, em que a autoridade pastoral e a linguagem bíblica são instrumentalizadas para silenciar as mulheres em situação de violências e naturalizar relações de poder desiguais.

183

26 A 29 DE AGOSTO DE 2025
Local: Faculdades EST
São Leopoldo/RS – Brasil



Realização:



Apoio:





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

Essas práticas e estruturas patriarcais contrastam com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em especial o ODS 5², que busca alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, e o ODS 16³, que visa promover sociedades pacíficas e inclusivas, com acesso à justiça e instituições eficazes. A perpetuação de abusos e silenciamentos nas comunidades de fé evidencia a necessidade de alinhar práticas religiosas a essas metas globais de direitos humanos, reforçando a urgência de uma pastoralidade profética que promova justiça, cuidado e igualdade.

O presente estudo parte do problema da legitimação do abuso sexual contra meninas em comunidades evangélicas brasileiras, compreendendo que essa autorização não decorre da religião em si, mas de discursos e práticas humanas que, ao distorcerem a fé e instrumentalizarem a autoridade espiritual, produzem e reforçam violências. Para a análise, são mobilizados dois conceitos centrais: o Teologismo Patriarcal, cunhado por mim em pesquisa de mestrado⁴ como categoria analítica e descritiva, que evidencia a teologização das estruturas patriarcais de dominação; e a Teologia Feminista da Recusa, atualmente em desenvolvimento em minha pesquisa de doutorado, entendida não como normativa, mas como chave hermenêutica e horizonte crítico-pastoral capaz de inspirar resistências e alternativas aos discursos de opressão.

Esses dois conceitos dialogam ainda com as noções de pastoralidade cúmplice e pastoralidade profética, que proponho pela primeira vez neste artigo. A primeira refere-se às práticas e discursos pastorais que, ao silenciar as vozes femininas e minimizar situações de violências, acabam reproduzindo e autorizando violações dentro das comunidades de fé. Já a pastoralidade profética aponta para a possibilidade de uma prática pastoral de resistência, que se alinha à denúncia das estruturas patriarcais e à promoção da justiça de gênero, do cuidado reparador e da vida plena das mulheres.

² NAÇÕES UNIDAS BRASIL. *Objetivo 5: Igualdade de Gênero*. [S. I.]: 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em: 20 ago. 2025.

³ NAÇÕES UNIDAS BRASIL. *Objetivo 16: Paz, Justiça e Instituições Eficazes*. [S. I.]: 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/16>. Acesso em: 20 ago. 2025.

⁴ FREITAS, Janaína B. de A. *Trajetórias e memórias de mulheres evangélicas: a legitimação religiosa do abuso sexual em discursos pastorais*. 2025. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2025. Disponível em: <https://repositorio.metodista.br/handle/123456789/588>. Acesso em: 25 nov. 2025.





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

A pastoralidade cúmplice torna-se visível em sermões que reforçam papéis de gênero tradicionais e culpabilizam mulheres, em doutrinas que apresentam a autoridade masculina como ordem divina, em leituras bíblicas seletivas que sustentam hierarquias e em práticas e estruturas eclesiásticas que excluem mulheres da liderança. Essa categoria não constitui um método, mas um objeto de análise, que pode ser examinado por meio da hermenêutica feminista da suspeita, da investigação de discursos e documentos institucionais e das narrativas produzidas por mulheres.

Nesse sentido, a pastoralidade profética, ao lado da Teologia Feminista da Recusa, encontra seu fundamento na própria prática de Jesus, que chamou mulheres e homens para uma comunidade de iguais, conforme propõe Elisabeth Schüssler Fiorenza⁵, livre das hierarquias patriarcais e aberta à partilha da vida em abundância. Essa comunidade, sonhada por Cristo e retomada pelas teologias feministas contemporâneas, constitui horizonte hermenêutico e crítico para resistir às formas de violências naturalizadas pelas práticas cúmplices e para anunciar alternativas de justiça, cuidado e igualdade no seio das igrejas.

Mais que denúncia, essa abordagem se consolida como ética e epistemologia do testemunho, confrontando o uso da religião para legitimar estruturas patriarcais. Ao reivindicar autonomia, verdade e autoridade espiritual das mulheres, reafirma e impulsiona releituras libertadoras das Escrituras e inspira práticas pastorais que deslocam o centro da teologia para a experiência situada das mulheres. Trata-se, assim, de um horizonte teológico que não apenas denuncia a sacralização da opressão, mas afirma novas possibilidades de comunidade, interpretação e cuidado.

Assim, o objetivo deste artigo é analisar como discursos e estruturas religiosas contribuem para subsidiar abusos e violências sexuais contra meninas e mulheres, ao mesmo tempo em que propõe caminhos de desconstrução de discursos patriarcais, reconfiguração das práticas pastorais e reconstrução comunitária a partir da Teologia Feminista da Recusa, buscando revelar práticas de cuidado, promover a autonomia feminina e desafiar a naturalização das hierarquias de gênero nas comunidades religiosas.

Deste modo, a pesquisa se inscreve em uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise de narrativas de mulheres evangélicas e no diálogo com teólogas feministas. Com

⁵ SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipleship of Equals: A Critical Feminist Ekklesia-logy of Liberation*. New York: Crossroad Publishing, 1993.





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

isso, pretende-se contribuir para os estudos de gênero, religião e pastoral, evidenciando que a superação do teologismo patriarcal é condição urgente para a construção de uma pastoralidade profética comprometida com a justiça de gênero, a reparação e a vida plena das mulheres.

O CONTEXTO DA LEGITIMAÇÃO RELIGIOSA DA VIOLENCIA DE GÊNERO NO BRASIL

Como fenômeno estrutural, a violência de gênero no Brasil articula fatores sociais, culturais e religiosos, e que afeta de maneira particular mulheres inseridas em comunidades evangélicas⁶. Essa violência opera como um sistema de controle e ordem que reproduz o mandato de masculinidade, conforme demonstra Rita Segato⁷. No interior dessas comunidades, que exercem forte influência na vida espiritual e cotidiana das fiéis, práticas institucionais, discursos pastorais e normas comunitárias podem operar como dispositivos simbólicos de manutenção de hierarquias, dificultando a responsabilização de agressores e naturalizando desigualdades. As violências enfrentadas pelas mulheres manifestam-se em múltiplas formas — física, sexual, psicológica e apropriação de bens e recursos financeiros — revelando um cenário de vulnerabilidade estrutural⁸.

Do ponto de vista analítico, é necessário reconhecer que a religião, em si mesma, não legitima nem produz violências. O que se observa, conforme argumenta Janaína Freitas⁹, é a instrumentalização da fé e da autoridade espiritual por sujeitos e instituições que distorcem preceitos religiosos para justificar relações desiguais. Essa instrumentalização insere-se no

⁶ IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FBSP – FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Atlas da violência 2023*. Brasília, DF: Ipea; São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/12/atlas-da-violencia-2023.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2025; FBSP – FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário brasileiro de segurança pública 2023*. São Paulo: FBSP, 2023. 357 p. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2025.

⁷ SEGATO, Rita L. *La Guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de sueños, 2016. E-book. Disponível em: <https://www.traficantes.net/libros/la-guerra-contra-las-mujeres>. Acesso em: 15 jun. 2025.

⁸ IMP – INSTITUTO MARIA DA PENHA. *Tipos de violências*. c2023. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em: 12 nov. 2025.

⁹ FREITAS, Janaína B. de A. Discurso religioso e cultura do estupro: uma análise da linguagem pastoral de líderes evangélicos em relação às mulheres. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 36., 2024, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SOTER, 2024. p. 1420-1427.





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

aparato mais amplo da violência simbólica, por meio da qual estruturas religiosas reiteram formas de dominação que se tornam naturalizadas no cotidiano comunitário.

A partir dessas considerações, impõe-se a necessidade de explicitar o conceito de Teologismo Patriarcal, um dos eixos estruturantes desta pesquisa e chave interpretativa essencial para compreender como a teologia pode ser mobilizada para sustentar desigualdades de gênero e violências. O Teologismo Patriarcal refere-se ao uso da teologia — e não apenas da religião como expressão sociocultural — como instrumento de legitimação de hierarquias de gênero e de manutenção da dominação masculina. Diferentemente do patriarcado social ou religioso, que opera em estruturas mais amplas da vida comunitária, o Teologismo Patriarcal designa especificamente a instrumentalização de discursos teológicos, doutrinas, interpretações bíblicas e práticas eclesiásticas que, revestidas de autoridade espiritual, produzem e naturalizam desigualdades.

Quando essas mediações teológicas se articulam, sermões, dogmas e leituras seletivas e distorcidas das Escrituras tornam-se dispositivos discursivos de poder capazes de silenciar mulheres, culpabilizá-las e dificultar a responsabilização de agressores dentro das igrejas. Neste estudo, tal dinâmica será examinada a partir do conceito de Teologismo Patriarcal, entendido como objeto analítico e estrutura de dominação que atravessa as experiências das mulheres evangélicas entrevistadas.

Nesse sentido, compreender a legitimação religiosa da violência de gênero implica recuperar também dimensões fundamentais da vida — pão, terra e paz — que, para muitas mulheres evangélicas, são negadas ou violadas. A negação do “pão” aparece na retirada de dignidade e autonomia; a violação da “terra”, no controle sobre seus corpos e lugares de pertencimento; e a ausência de “paz”, nas violências simbólicas e espirituais que silenciam sua história.

Por sua vez, o patriarcado religioso emerge como estrutura normativa que organiza a vida eclesial segundo padrões de dominação masculina¹⁰. Sua origem remonta à construção histórica da dominação, conforme amplamente analisado por teóricas como Gerda Lerner¹¹.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022; ADAID, Felipe. Genealogia da homofobia na modernidade: misoginia e violência. *Bagoas*, Natal, v. 10, n. 14, p. 63-88, 03 mar. 2017.

¹¹ LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

Sermões, interpretações bíblicas seletivas e doutrinas que apresentam a autoridade masculina como ordem divina consolidam papéis de gênero rígidos, promovendo a submissão feminina como virtude espiritual. Como observa Ivoni Richter Reimer¹², leituras bíblicas patriarcais transformam o texto sagrado em instrumento de controle sobre corpos e subjetividades femininas, e somente sua ressignificação pode romper práticas teológicas que sustentam a violência de gênero.

A crítica de Ivone Gebara¹³ aprofunda a compreensão sobre como a legitimação religiosa da violência de gênero opera como fenômeno estrutural e simbólico. Ao desenvolver uma fenomenologia feminista do mal, evidencia que a opressão não se manifesta apenas em atos explícitos de violência, mas também na produção de sentidos, discursos e práticas teológicas que silenciam as mulheres e tornam suas dores socialmente invisíveis, enquadrando suas vidas como não passíveis de luto Judith Butler¹⁴. O mal se perpetua quando instituições religiosas naturalizam a desigualdade como ordem divina e atribuem às mulheres a responsabilidade moral por manter a harmonia e a pureza da comunidade. Esse processo oculta a dominação e restringe que as mulheres nomeiem as violências sofridas, gerando uma espiritualidade marcada pelo medo e pela culpabilização.

Gebara¹⁵ demonstra como a teologia patriarcal moldou historicamente a vida eclesial e a identidade feminina, formando mulheres a partir de modelos que reforçam obediência, submissão e autossacrifício, enquanto os homens ocupam posições de poder simbólico e institucional. Esse processo produz uma espiritualidade assimétrica que limita a autonomia feminina e mascara dinâmicas de violência, sobretudo quando abusos são cometidos por lideranças religiosas. Nesse cenário, a teologia feminista emerge como ruptura e reconstrução, ao reivindicar novas linguagens, práticas e interpretações bíblicas capazes de reconfigurar a espiritualidade das mulheres e restaurar suas vozes como sujeito produtor de discurso teológico, superando a lógica patriarcal que historicamente as silenciou.

¹² REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como o selo sobre o teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005.

¹³ GEBARA, Ivone. *Romper o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

¹⁴ BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

¹⁵ GEBARA, Ivone. *Vida religiosa: da teologia patriarcal à teologia feminista: um desafio para o futuro*. São Paulo: Paulinas, 1992.





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

A construção da identidade feminina no ambiente evangélico brasileiro segue esses padrões, delineando uma “mulher ideal” marcada pela submissão, obediência e religiosidade doméstica. Essa identidade é continuamente reforçada por discursos pastorais e normas comunitárias, que condicionam comportamentos, desejos e escolhas das mulheres, restringindo sua autonomia e autorizando relações de poder desiguais. Nesse sentido, a dominação e o controle sobre corpos e experiências generificadas das mulheres tornam-se endossadores centrais na reprodução das estruturas patriarcais.

No contexto religioso, tais expectativas ganham força adicional: Sandra Duarte de Souza e Valéria Vilhena¹⁶ evidenciam como discursos e práticas devocionais podem reforçar a domesticidade e a docilidade feminina, subsidiando papéis rígidos que limitam a autonomia das mulheres. Nesse cenário, a dominação disfarçada de espiritualidade e o controle sobre corpos, comportamentos e experiências tornam-se mecanismos centrais para a reprodução das hierarquias patriarcais no campo evangélico. As autoras também apontam que esses mesmos padrões de religiosidade doméstica estão associados a índices mais elevados de violência doméstica contra mulheres evangélicas, revelando como normas espirituais são mobilizadas para justificar e silenciar agressões.

Compreender gênero como construção histórica e discursiva, à luz de Foucault¹⁷ e Butler¹⁸, permite identificar que práticas religiosas funcionam como tecnologias de poder que disciplinam corpos e subjetividades femininas. No campo evangélico, esse controle se expressa no policiamento da sexualidade, no monitoramento da participação comunitária e na vigilância moral que estrutura comportamentos tidos como adequados para mulheres. Tais mecanismos produzem e naturalizam violências regulatórias e estruturais, tornando a resistência feminina um ato profundamente subversivo.

Esse quadro é agravado por marcadores interseccionais como raça, classe e orientação sexual, que intensificam a vulnerabilidade de determinadas mulheres e revelam

¹⁶ SOUSA, Renata Floriano; SOUZA, Sandra Duarte de; VILHENA, Valéria Cristina. *Pesquisas sobre mulheres evangélicas e violência doméstica*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

¹⁸ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

múltiplas camadas de opressão¹⁹. A pastoralidade cúmplice — que silencia denúncias, protege abusadores e recorre a justificativas espirituais para minimizar violências — constitui um dos elementos mais nocivos desse sistema. Em contraste, a pastoralidade profética afirma a denúncia das injustiças, a ruptura das hierarquias opressoras e a promoção de caminhos de cura e justiça de gênero.

Nesse horizonte, as teologias feministas contemporâneas, articuladas ao conceito de comunidade de iguais desenvolvido por Elisabeth Schüssler Fiorenza²⁰ para recuperar a proposta igualitária do movimento de Jesus, oferecem caminhos transformadores para superar estruturas patriarcais nas igrejas. Ao valorizar as experiências das mulheres, Maria Pilar Aquino²¹ promove práticas de cuidado reparador e defende relações eclesiais não hierárquicas. Essas abordagens constroem alternativas de fé encarnada, crítica e libertadora, capazes de confrontar e desestabilizar o Teologismo Patriarcal.

Diante desse cenário, esta pesquisa propõe o conceito de *Teologia Feminista da Recusa*, que emerge das experiências corporificadas de mulheres evangélicas que sofreram violências sexuais e de gênero em contextos religiosos. Trata-se de uma categoria teológica, epistêmica e ética que se fundamenta na hermenêutica feminista da suspeita²², na politização da dor²³, na teologia ecofeminista e encarnada²⁴, nas metodologias bíblicas engajadas²⁵ e nas análises sobre mulheres evangélicas²⁶. Em diálogo com epistemologias decoloniais²⁷, a

¹⁹ AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. [S.I.]: Pólen Editorial, 2019.

²⁰ SCHÜSSLER FIORENZA, 1993.

²¹ AQUINO, Maria Pilar. *A teologia, a igreja e a mulher na América Latina*. Trad. Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1997.

²² SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (Biblioteca de Estudos Bíblicos).

²³ SEGATO, 2016.

²⁴ GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista: ensaio para repensar o conhecimento e a religião*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

²⁵ REIMER, 2005.

²⁶ SOUZA, Sandra Duarte de; OSHIRO, Claudia. Mulheres evangélicas e violência doméstica: o que o poder público e a igreja têm a ver com isso? *Caminhos*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 203-219, jul./dez. 2018.

²⁷ WALSH, Catherine. Interculturalidade e colonialidade do poder: Um pensamento e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 21-61; LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar, 2020. p. 52-83.





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

Teologia Feminista da Recusa comprehende o testemunho das mulheres como *locus theologicus* e transforma a dor em denúncia profética e ação libertadora. Ao centralizar as experiências das mulheres a partir da margem e transformar essa margem em fonte de teoria e resistência²⁸, ela desautoriza leituras e práticas androcêntricas.

Em contraste com uma abordagem estritamente interpretativa, essa teologia nasce da recusa: rejeita o sagrado manipulado pela lógica patriarcal e reivindica uma espiritualidade que resgata a dignidade das mulheres como fundamento da fé. Recusar não é negar a fé, mas recuperar sua essência original — não violada por práticas e discursos teológicos opressores.

PODER, PASTORALIDADE E A PERVERSÃO DO SAGRADO

O poder pastoral, frequentemente percebido como autoridade legitimada religiosamente, é sacralizado no interior das comunidades evangélicas. Essa sacralização não decorre de um dado espiritual intrínseco, mas de construções históricas que moldaram a compreensão do poder religioso como expressão direta da vontade divina. Weber²⁹ demonstra como certas lideranças adquirem legitimidade por meio da dominação carismática e tradicional, produzindo formas de autoridade que são aceitas como naturais e incontestáveis.

Em contraste, a biblista Elisabeth Schüssler Fiorenza³⁰ afirma que o poder em Cristo é relacional, compartilhado e corresponsável — nunca propriedade exclusiva de sujeitos investidos institucionalmente. Quando essa compreensão é distorcida, o poder pastoral converte-se em instrumento de dominação, sustentando hierarquias patriarcais e alimentando uma pastoralidade cúmplice.

A pastoralidade evangélica — enquanto prática de cuidado, orientação espiritual e ensino — pode assumir funções diversas. Quando distorcida por estruturas patriarcais, converte-se em mecanismo de controle simbólico, subsidiando desigualdades de gênero e naturalizando a submissão feminina. Nesse cenário, ocorre a perversão do sagrado: discursos

²⁸ HOOKS, bell. *Feminist theory from margin to center*. Boston: South End Press, 1984.

²⁹ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia comprensiva*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. v. 2.

³⁰ SCHÜSSLER FIORENZA, 1993.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

religiosos e práticas pastorais passam a justificar formas de violência e silenciar mulheres em situação de abuso³¹. Entrevista com a participante “Mércia”, realizada em 2024. Nome fictício para preservação da identidade, evidencia como essa perversão opera na experiência das sobreviventes:

Eu lembro que depois dessa época... a pessoa me ameaçou, falou que se eu parar, eu vou embora, e eu vou falar que você que está fazendo isso comigo. E sendo que ainda não tinha nem acontecido nada de abuso de fato, físico. E aí eu aceitei, não tinha o que fazer.³²

A perversão do sagrado rompe com aquilo que, simbolicamente, representa o cuidado pastoral como garantia de pão, terra e paz. Em vez de nutrir, empobrece; em vez de oferecer espaço seguro, desloca e aprisiona; em vez de promover paz, produz medo e silêncio. Esse trecho revela que a violência não começa no contato físico, mas na construção de um ambiente de medo, manipulação emocional e dependência psicológica. Antes de qualquer ato físico, já estava consolidada uma dinâmica abusiva que instrumentalizava a autoridade pastoral para paralisar a menina.

E a sacralização dessa autoridade confere aos líderes religiosos um poder que frequentemente se torna incontestável, legitimando julgamentos, imposições e cobranças que as mulheres dificilmente podem questionar³³. Sermões moralizantes, interpretações bíblicas seletivas e discursos que reforçam hierarquias de gênero funcionam como tecnologias de poder que disciplinam comportamentos e produzem submissão. Mércia descreve esse controle cotidiano: “Ele queria que eu ficasse falando com ele, conversando com ele o dia

³¹ BUTLER, 2015; FREITAS, Janaína B. de A. A legitimação religiosa do abuso: violência sexual contra mulheres evangélicas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER, 35., 2023, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SOTER, 2023a; BOURDIEU, Pierre. *Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

³² M. (pseudônimo). Depoimento concedido à pesquisadora. Entrevista realizada em outubro de 2024. Pesquisa “Trajetórias e memórias de mulheres evangélicas: a legitimação religiosa do abuso sexual em discursos pastorais”.

³³ BOURDIEU, 2009; BERGER, Peter L. *Dosseil sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 2021.



IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

inteiro... Eu não podia fazer nada sem comentar... se eu sumisse por um tempo sem avisar era ameaçado dele expor tudo como se fosse culpa minha.”³⁴

Aqui, torna-se evidente como o teologismo patriarcal endossa a autoridade pastoral para monitorar, vigiar e regular a vida da sobrevivente. A espiritualidade é manipulada para justificar a dominação: discursos sobre obediência, pureza e responsabilidade moral deslocam a culpa para a mulher, favorecendo o silêncio e impossibilitando a denúncia³⁵. O impacto subjetivo dessa estrutura aparece no próprio relato: “Eu lembro de ser um sentimento muito grande de que isso é errado, isso está errado, ainda mais numa igreja... Como se eu estivesse enforcada, sem poder falar.”³⁶

Deste modo, a análise crítica feminista evidencia que a idolatria à figura pastoral — combinada à manipulação simbólica de elementos como culpa, pureza e obediência — reforça a dominação masculina e fragiliza a possibilidade de contestação interna. Mércia sintetiza essa naturalização: “Eu via a pessoa como totalmente correta... então tudo que essa pessoa fizer vai estar certo. Não tem como eu achar que ele estava fazendo algo errado por ser um pastor.”³⁷

No tocante, a pastoralidade cúmplice opera como mecanismo de controle moral e espiritual, consolidando desigualdades e restringindo a autonomia feminina³⁸. Essa dinâmica evidencia padrões de subordinação incorporados e internalizados, apontando a necessidade de práticas teológicas comprometidas com a justiça e a dignidade. Nesse horizonte, a Teologia Feminista da Recusa propõe uma pastoralidade profética que confronta estruturas

³⁴ M. (pseudônimo). Depoimento concedido à pesquisadora. Entrevista realizada em outubro de 2024. Pesquisa “Trajetórias e memórias de mulheres evangélicas: a legitimação religiosa do abuso sexual em discursos pastorais”.

³⁵ FREITAS, Janaína B. de A. Impacto da cultura religiosa na violência contra mulheres evangélicas: uma revisão bibliográfica. In: CONGRESSO DA ANPTECRE, 9., 2023, Campinas. *Anais...* Campinas: ANPTECRE, 2023b; ARAÚJO, Ana Paula. *Abuso: a cultura do estupro no Brasil*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

³⁶ M. (pseudônimo). Depoimento concedido à pesquisadora. Entrevista realizada em outubro de 2024. Pesquisa “Trajetórias e memórias de mulheres evangélicas: a legitimação religiosa do abuso sexual em discursos pastorais”.

³⁷ M. (pseudônimo). Depoimento concedido à pesquisadora. Entrevista realizada em outubro de 2024. Pesquisa “Trajetórias e memórias de mulheres evangélicas: a legitimação religiosa do abuso sexual em discursos pastorais”.

³⁸ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1; BUTLER, 2015; BOURDIEU, 2022.





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

patriarcais, valoriza a experiência das mulheres como locus teológico e afirma caminhos de resistência e vida plena³⁹.

O Teologismo Patriarcal, nesse sentido, sustenta a naturalização do poder masculino como vontade divina, articulando discursos e práticas para manter a submissão feminina. Em oposição, a Teologia Feminista da Recusa torna-se horizonte hermenêutico capaz de desvelar essas estruturas e promover uma ética pastoral que honre a autonomia, a justiça de gênero e a reconstrução comunitária⁴⁰.

RUMO A UMA PASTORALIDADE PROFÉTICA: CAMINHOS DE DESCONSTRUÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO

A construção de uma pastoralidade profética surge como resposta à pastoralidade cúmplice e ao *Teologismo Patriarcal*, buscando caminhos de resistência, afirmação da dignidade feminina e ressignificação da fé dentro das comunidades evangélicas. Este tópico propõe analisar como a desconstrução de estruturas patriarcais, a *Teologia Feminista da Recusa* e a ressignificação da experiência religiosa podem inspirar práticas pastorais comprometidas com a justiça de gênero.

Romper com o patriarcado é condição central para a libertação da fé e a construção de comunidades mais igualitárias. Isso envolve questionar e desmantelar leituras literalistas e hierárquicas das escrituras que naturalizam a autoridade masculina e reforçam a submissão feminina⁴¹. A desconstrução requer uma abordagem crítica dos discursos pastorais e das práticas eclesiásticas, identificando como interpretações teológicas e rituais podem ser instrumentalizados para o controle das mulheres. Ao problematizar essas leituras, abre-se espaço para reinterpretar a Bíblia como um texto profético, que não se limita à manutenção do patriarcado, mas convida à justiça, cuidado e igualdade⁴².

A Teologia Feminista da Recusa emerge como resposta necessária ao teologismo patriarcal, recusando o silêncio, a submissão e a teologia do medo que sustentam a pastoralidade cúmplice. Alinhada à hermenêutica feminista da suspeita, ela transforma as

³⁹ FREITAS, 2025.

⁴⁰ FREITAS, 2025.

⁴¹ FREITAS, 2023b.

⁴² SCHÜSSLER FIORENZA, 1993.





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

experiências de violência vividas por mulheres evangélicas em fonte crítica de discernimento e ação pastoral⁴³. Suas práticas espirituais afirmam a dignidade e a corporeidade feminina, resgatam narrativas silenciadas e reconhecem emoções, corpos e histórias como dimensões legítimas do sagrado.

Embora práticas pastorais voltadas à cura e ao acompanhamento emocional de vítimas de abuso sexual sejam relativamente difundidas nas igrejas — como grupos de apoio espiritual, programas de recuperação e métodos de “cura interior” baseados em imaginação orante e aconselhamento pela oração⁴⁴ —, tais iniciativas operam majoritariamente em uma chave espiritualizante do trauma. Esses modelos oferecem acolhimento e suporte subjetivo, mas tendem a tratar o abuso como experiência individual a ser superada pela fé, sem questionar as condições estruturais, teológicas e institucionais que permitiram sua ocorrência.

Ao reforçar uma lógica de interiorização da cura, esses métodos frequentemente deslocam a responsabilidade da instituição religiosa, mantêm intactas hierarquias patriarcais e silenciam dimensões políticas da violência de gênero. Assim, ainda que importantes no âmbito do cuidado emocional, eles não enfrentam o núcleo do problema: a teologia patriarcal, a autoridade religiosa masculina e os mecanismos simbólicos que sustentam a cultura do silêncio nas igrejas.

O letramento de gênero na teologia feminista da recusa não se limita à consciência crítica; ele se torna prática de denúncia, proclamação e reparação, reconstruindo relações humanas à luz do evangelho. Assim como Jesus anuncia libertação aos oprimidos (Lc 4,18-19) e inaugura um caminho de vida abundante (Jo 10,10), esse letramento assume uma dimensão ética e comunitária que dialoga com a lógica do letramento antirracista, orientando para um projeto político de convivência igualitária, conforme a visão paulina de que em Cristo “não há homem nem mulher” (Gl 3,28).

Neste ponto que se destaca a proposta de uma Pastoralidade Profética, que não substitui a dimensão espiritual do cuidado, mas a recoloca dentro de uma ética comunitária, crítica e transformadora. Em vez de limitar-se à cura individual, ela considera que a violência

⁴³ FREITAS, 2025.

⁴⁴ KORNFIELD, Débora. *Vítima, sobrevivente, vencedor!* Perspectivas sobre abuso sexual. São Paulo: Sepal, 2000; STAPLETON, Ruth C. *A cura pela fé*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora RECORD, 1976; HURDING, Roger F. *A árvore da cura – modelos de aconselhamento e psicoterapia*. São Paulo: Vida Nova, 1995.





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

de gênero é atravessada por relações de poder, dispositivos de controle moral e estruturas institucionais que exigem resposta pública e coletiva.

Sendo assim, a ressignificação da fé consiste em reinterpretar o sagrado a partir das experiências concretas das mulheres, permitindo que a espiritualidade se torne ferramenta de expansão e cura. Exemplos de falas e práticas incluem círculos de escuta, redes de apoio comunitário, celebrações litúrgicas que enfatizem a inclusão de mulheres e a valorização de seus corpos e experiências⁴⁵.

Essa ressignificação desafia a tradição patriarcal ao propor leituras bíblicas que promovam justiça de gênero, cuidado mútuo e corresponsabilidade, aproximando a prática religiosa de uma comunidade igualitária, alinhada ao projeto libertador de Jesus. Assim, uma pastoralidade profética reconstrói os fundamentos espirituais negados às mulheres, restaurando sacramentalmente o que foi violado: o pão, na dignidade e no cuidado; a terra, no reconhecimento dos corpos e territórios espirituais das mulheres como lugares sagrados; e a paz, na criação de comunidades seguras, justas e reparadoras.

A construção de uma pastoralidade profética demanda mais do que ajustes pontuais: requer a reorganização das práticas eclesiás a partir de uma ética de responsabilização comunitária. Isso significa reconhecer que a violência de gênero não é exceção, mas sintoma de estruturas teológicas, administrativas e culturais que precisam ser revistas. Uma igreja comprometida com a justiça deve criar mecanismos que previnam a reprodução da autoridade abusiva, garantam transparência nos processos internos e fortaleçam a participação das mulheres na tomada de decisão. Assim, as propostas a seguir não funcionam apenas como intervenções práticas, mas como dispositivos institucionais capazes de deslocar o eixo do poder pastoral e reorientar a vida comunitária para relações mais democráticas e igualitárias.

- Formação de líderes com perspectiva de gênero: capacitação teológica que inclua críticas feministas e debates sobre violência de gênero.
- Liturgias inclusivas: celebrações que incorporam corpo, voz e experiências das mulheres, promovendo participação plena e visibilidade.
- Criação de espaços seguros de escuta: ambientes onde mulheres possam relatar experiências sem medo de retaliação.

⁴⁵ FREITAS, 2023a; BEAUVOIR, 2016.





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

- Políticas institucionais de denúncia: mecanismos claros para prevenir, investigar e responsabilizar abusos sexuais, rompendo a cultura do silêncio.

A implementação dessas práticas pastorais contribui não apenas para a transformação das comunidades evangélicas, mas também para o cumprimento dos ODS 5 e 16, promovendo igualdade de gênero, proteção contra violência, justiça e participação plena das mulheres na vida comunitária. Como resultado, emerge uma prática pastoral alinhada à dignidade humana e à construção de comunidades de fé mais seguras e equitativas.

Dessa forma, a pastoralidade profética articula teoria e prática, permitindo que comunidades evangélicas sejam espaços de resistência à opressão, valorização da experiência feminina e promoção da justiça social e espiritual. Trata-se de uma proposta de fé encarnada, que une ética, espiritualidade e ação transformadora, reafirmando que a superação do Teologismo Patriarcal é condição indispensável para a construção de comunidades igualitárias e livres da violência simbólica e estrutural.

CONCLUSÃO

Retomando o percurso traçado ao longo deste estudo, pensar em uma pastoralidade profética à luz do Evangelho da Paz evidencia como, em comunidades evangélicas brasileiras, discursos, práticas e estruturas religiosas podem funcionar como instrumentos de controle, contribuindo para a manutenção de ciclos de violências e abuso sexual, silenciamento institucional e reforço de hierarquias patriarcais. A pastoralidade cúmplice, sustentada pelo Teologismo Patriarcal, naturaliza a submissão feminina, instrumentaliza a fé e a autoridade pastoral para justificar abusos e silenciar vozes, consolidando relações de poder desiguais. Nesse sentido, observa-se a exploração dos corpos das mulheres (Terra) e a reprodução de relações de poder desiguais (Pão) como pilares da opressão religiosa.

Em contraposição, a construção de uma pastoralidade profética, fundamentada na Teologia Feminista da Recusa, oferece caminhos de resistência e transformação. Esta teologia propõe recusar o silêncio, a opressão e a sacralização da desigualdade, valorizando a experiência das mulheres como lugar epistêmico da teologia legítimo de elaboração teológica e prática pastoral. A pastoralidade profética não se limita à crítica do patriarcado, mas se traduz em práticas concretas de escuta, reparação, formação pastoral e promoção de

197





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

participação plena das mulheres, reconectando a fé com justiça, cuidado e dignidade humana, visando o desmantelamento de estruturas de violências (Paz).

Desnaturalizar leituras assimétricas dos textos bíblicos e propor alternativas de cuidado, proteção e inclusão permite que a pastoralidade profética encarne uma fé libertadora e encarnada, capaz de transformar relações eclesiais e comunitárias, denunciando estruturas de poder que perpetuam violências e reafirmando o Evangelho da Paz como horizonte ético-prático. Assim, a fé torna-se instrumento de emancipação, cuidado comunitário e reconstrução social, promovendo espaços seguros, justos e inclusivos. Essa transformação dialoga diretamente com os princípios do ODS 5 e do ODS 16, ao promover igualdade de gênero, proteção institucional e comunidades mais seguras.

A contribuição deste estudo é dupla: no plano acadêmico, evidencia os mecanismos do Teologismo Patriarcal e suas implicações para gênero, religião e pastoral; no plano pastoral, aponta práticas concretas que articulam denúncia da violência, valorização da experiência feminina e promoção da justiça e da vida plena, reafirmando que uma pastoralidade profética é essencial para transformar a fé em instrumento de igualdade, cuidado e liberdade.

REFERÊNCIAS

ADAID, Felipe. Genealogia da homofobia na modernidade: misoginia e violência. *Bagoas*, Natal, v. 10, n. 14, p. 63-88, 03 mar. 2017.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. [S.I.]: Pólen Editorial, 2019.

AQUINO, Maria Pilar. *A teologia, a igreja e a mulher na América Latina*. Trad. Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1997.

ARAÚJO, Ana Paula. *Abuso: a cultura do estupro no Brasil*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1.

BERGER, Peter L. *Dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 2021.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

198





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

TERRA + PÃO + PAZ

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

BOURDIEU, Pierre. *Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra*: quando a vida é passível de luto? Trad. Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FBSP – FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário brasileiro de segurança pública 2023*. São Paulo: FBSP, 2023. 357 p. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2025.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

FREITAS, Janaína B. de A. A legitimação religiosa do abuso: violência sexual contra mulheres evangélicas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER, 35., 2023, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SOTER, 2023a.

FREITAS, Janaína B. de A. Discurso religioso e cultura do estupro: uma análise da linguagem pastoral de líderes evangélicos em relação às mulheres. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, 36., 2024, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SOTER, 2024. p. 1420-1427.

FREITAS, Janaína B. de A. Impacto da cultura religiosa na violência contra mulheres evangélicas: uma revisão bibliográfica. In: CONGRESSO DA ANPTECRE, 9., 2023, Campinas. *Anais...* Campinas: ANPTECRE, 2023b.

FREITAS, Janaína B. de A. *Trajetórias e memórias de mulheres evangélicas*: a legitimação religiosa do abuso sexual em discursos pastorais. 2025. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2025. Disponível em: <https://repositorio.metodista.br/handle/123456789/588>. Acesso em: 25 nov. 2025.

GEBARA, Ivone. *Romper o silêncio*: uma fenomenologia feminista do mal. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista*: ensaio para repensar o conhecimento e a religião. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1997.

GEBARA, Ivone. *Vida religiosa*: da teologia patriarcal à teologia feminista: um desafio para o futuro. São Paulo: Paulinas, 1992.

199





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

HOOKS, bell. *Feminist theory from margin to center*. Boston: South End Press, 1984.

HURDING, Roger F. *A árvore da cura – modelos de aconselhamento e psicoterapia*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

IMP – INSTITUTO MARIA DA PENHA. *Tipos de violências*. c2023. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-de-violencia.html>. Acesso em: 12 nov. 2025.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FBSP – FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Atlas da violência 2023*. Brasília, DF: Ipea; São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/12/atlas-da-violencia-2023.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2025.

KORNFIELD, Débora. *Vítima, sobrevivente, vencedor! Perspectivas sobre abuso sexual*. São Paulo: Sepal, 2000.

LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar, 2020. p. 52–83.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. *Objetivo 5: Igualdade de Gênero*. [S. I.]: 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em: 20 ago. 2025.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. *Objetivo 16: Paz, Justiça e Instituições Eficazes*. [S. I.]: 2024. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/16>. Acesso em: 20 ago. 2025.

REIMER, Ivoni Richter. *Grava-me como o selo sobre o teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (Biblioteca de Estudos Bíblicos).

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipleship of Equals: A Critical Feminist Ekklesiology of Liberation*. New York: Crossroad Publishing, 1993.

SEGATO, Rita L. *La Guerra contra las mujeres*. Madrid: Traficantes de sueños, 2016. E-book. Disponível em: <https://www.traficantes.net/libros/la-guerra-contra-las-mujeres>. Acesso em: 15 jun. 2025.

200

26 A 29 DE AGOSTO DE 2025

Local: Faculdades EST
São Leopoldo/RS – Brasil



Realização:



Apoio:





IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO TERRA + PÃO + PAZ

SOUZA, Renata Floriano; SOUZA, Sandra Duarte de; VILHENA, Valéria Cristina. *Pesquisas sobre mulheres evangélicas e violência doméstica*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

SOUZA, Sandra Duarte de; OSHIRO, Claudia. Mulheres evangélicas e violência doméstica: o que o poder público e a igreja têm a ver com isso? *Caminhos*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 203-219, jul./dez. 2018.

STAPLETON, Ruth C. *A cura pela fé*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora RECORD, 1976.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e colonialidade do poder: Um pensamento e posicionamento 'outro' a partir da diferença colonial. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESSES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 21-61.

WEBER, Max. *Economia e sociedade*: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000. v. 2.

201

26 A 29 DE AGOSTO DE 2025
Local: Faculdades EST
São Leopoldo/RS – Brasil



Realização:



Apoio:

